

Mariátegui: um marxista original e contemporâneo

Leila Escorsim Netto

José Carlos Mariátegui (1894-1930), até muito recentemente quase desconhecido entre nós, tem sido objeto de atenção no Brasil em especial nos últimos dez anos - ainda que o talentoso peruano, autor de vasta produção, estudado há muito na Europa e nos Estados Unidos e traduzido ao alemão, italiano, francês, inglês, russo, chinês, japonês e húngaro só tenha um livro integralmente vertido ao português: *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana*, aliás a sua principal obra, de 1928, além de uns poucos ensaios, forma literária absolutamente dominante na sua produção ¹.

De fato, embora Mariátegui seja referido por uns poucos intelectuais brasileiros já nos anos 1960, é apenas na última década que ele tem despertado o interesse de importantes sujeitos políticos coletivos (é o caso do *Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra/MST*) e da universidade (com a produção de artigos, dissertações e teses a ele dedicados). Entretanto, o conhecimento da sua obra e da sua intervenção política ² ainda está por se incorporar à cultura política brasileira - e todo passo que se der no sentido desta incorporação contribuirá para enriquecer o universo de referências do nosso pensamento socialista. Afinal, nos dias de hoje, parece não haver dúvidas de que é com Mariátegui - que alguns estudiosos chegam a qualificar como “o Gramsci latino-americano” - que surge no subcontinente um marxismo verdadeiramente original e criativo.

A “idade da pedra”: um protesto romântico

¹ A primeira edição dos *Sete ensaios...*, por iniciativa de Florestan Fernandes, saiu em 1975 (S. Paulo: Alfa-Ômega) e foi relançada há pouco, em nova tradução (S. Paulo: Expressão Popular, 2008). Outros materiais do autor encontram-se no volume *Mariátegui*, organizado por M. Belloto e A. M. Correa para a coleção “Grandes cientistas sociais” (S. Paulo: Ática, 1982) e nas coletâneas preparadas por M. Löwy, *O marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 aos dias atuais* (S. Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1999) e *J. C. Mariátegui. Por um socialismo indo-americano: ensaios escolhidos* (Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005) e por L. B. Pericás, *Do sonho às coisas: retratos subversivos* (S. Paulo: Boitempo, 2005) e *Mariátegui sobre educação* (S. Paulo: Xamã, 2007).

² Obra e intervenção de que ofereço uma síntese em meu livro *Mariátegui. Vida e obra* (S. Paulo: Expressão Popular, 2006).

Caracterizando a sua evolução ideológica, o próprio Mariátegui chamou de “idade da pedra” o período que antecede a sua viagem à Itália. Vejamos sumariamente este período.

Entre 1914 e 1918, o autodidata Mariátegui torna-se um jornalista de destaque na imprensa de Lima. Ocupa-se então principalmente de temas ligados à cultura e, vinculado ao grande poeta A. Valdelomar, é um dos fundadores da revista *Colónida*, que em sua breve existência (4 números publicados entre janeiro e maio de 1916), representou “uma insurreição contra o academicismo e suas oligarquias”, mas “esgotou sua energia em seu grito iconoclasta e em seu orgasmo esnobe”³. Expressão da vanguarda literária a que repugnava a mediocracia das letras e da política, a revista era também uma recusa da boa e pacata vidinha burguesa: o esteticismo de *Colónida*, sua *iconoclastia* e seu *esnobismo* sinalizavam um protesto romântico, mas sem maiores conseqüências, contra a “república oligárquica” instaurada pelo domínio do Partido Civilista, no poder desde 1895. O estilo de vida alternativo dos *colónidas*, assumido inteiramente pelo jovem Mariátegui (que, então, escreve poemas e textos para teatro), combinava boemia e dandismo – e manifestou o seu objetivo de *épater le bourgeois* com o famoso (e quase lendário) escândalo envolvendo Norka Rouskaya⁴.

Parece claro que, na ausência de movimentos sociais de grande visibilidade, esta alternativa, a da boemia e do dandismo, era a mais facilmente encontrável por um espírito inquieto como o de Mariátegui para dar curso à sua radical oposição ao Peru “oficial”. Mas ela se mostrará esgotada quando as camadas subalternas da sociedade peruana se mobilizarem abertamente - o que ocorre no imediato pós-guerra, levando ao colapso a “república oligárquica”: com uma greve geral em Lima, em janeiro de 1919 cai o governo Pardo e logo em seguida inicia-se o ciclo de Leguía (que durará até 1930 - por isto, designado como *oncenio* -, tomando forma ditatorial a partir de 1923).

³ J. C. Mariátegui, *7 ensayos de interpretación de la realidad peruana*. Lima: Amauta, 1998, p. 281.

⁴ Trata-se do “conhecido incidente do cemitério, ocorrido em fins de 1917, que traumatizou a cidade de Lima, provocado por um grupo de jovens artistas e intelectuais, entre os quais Mariátegui [...]. Numa noite de novembro, o grupo de *Colónida*, acompanhado de uma dançarina clássica suíça, de passagem por Lima, e de um violinista, dirigiu-se ao cemitério da cidade, onde Norka Rouskaya dançou aos acordes da *Marcha fúnebre* de Chopin” (Belloto e Correa, *op. cit.*, p. 10).

Desde 1918, quando cria a revista *Nuestra época*, Mariátegui começa a afastar-se daquela alternativa – e sob a influência de César Falcón (outro fundador da revista), começa a aproximar-se dos meios operários. Com a explosão do movimento dos trabalhadores em janeiro de 1919, Mariátegui e Falcón fundam o diário *La Razón*, que passa a defender expressamente as demandas populares. Esta experiência leva Mariátegui a romper com o esteticismo, ruptura precipitada pela interdição de *La Razón* e completada quando, sob pressão a direta de Leguía, ele e Falcón são compelidos a se afastarem do país.

Mariátegui embarca para a Itália a 8 de outubro de 1919 e só retornará a 18 de março de 1923. Apesar de viajar bastante (conhece Paris, Munique, Viena, Budapeste e Praga), passa o essencial desses anos na Itália (dois anos e sete meses), dedicando-se a estudos que sepultam completamente os viéses esteticistas da “idade da pedra” e estabelecem as bases teóricas do seu pensamento.

A experiência italiana: aprendizado do marxismo e tarefa americana

É durante a sua vivência na Itália que Mariátegui se torna marxista, mediante o estudo sistemático e o acompanhamento cuidadoso e atento dos processos políticos europeus (a ascensão do fascismo mussoliniano, a crise do liberalismo, as movimentações operárias e os desdobramentos da Revolução de Outubro) e particularmente italianos: ele assistiu, inclusive, ao Congresso de Livorno, em janeiro de 1921, quando se funda o Partido Comunista Italiano, com o protagonismo dos redatores de *Ordine Nuovo*, entre os quais A. Gramsci⁵. O próprio Mariátegui recorda que “morei mais de dois anos na Itália, onde desposi uma mulher e algumas idéias” (carta a S. Glusberg, de 10 de janeiro de 1927) – tais “algumas idéias” são exatamente o marxismo.

O seu aprendizado do marxismo, com o recurso às fontes “clássicas”, decorreu numa ambiência cultural - lembremos que Mariátegui manteve relações pessoais com

⁵ Enquanto esteve na Europa, Mariátegui escreveu regularmente para a imprensa peruana – e a parte mais significativa dessa correspondência atesta o acompanhamento referido.

Croce e analisou com argúcia a atividade de Gobetti, permanecendo sempre admirador de ambos - em que as contaminações positivistas, próprias do marxismo da Segunda Internacional, eram objeto de forte crítica e de claro rechaço. Os fundamentos teóricos que, a partir daí, vão embasar as suas concepções nada têm a ver com o “economicismo” e/ou o “sociologismo” característicos do *marxismo vulgar* predominante na ideologia da Segunda Internacional e que não foi superado pela Internacional Comunista. De fato, o marxismo de Mariátegui - ele mesmo objeto de exame polêmico ⁶ - não padece de nenhum ranço *reducionista* e, sobretudo, se singulariza pela sua simpática relação com autores e idéias estranhos ao horizonte marxista; por isto mesmo, o *marxismo aberto* de Mariátegui não só é louvado por todos aqueles que recusam uma versão doutrinária e dogmática do marxismo: é também alvo de críticas, algumas aliás procedentes, que nele apontam alguns elementos de ecletismo ⁷.

Como se vê, o aprendizado mariateguiano do marxismo foi peculiar: realizado em poucos anos (ainda que Mariátegui tenha prosseguido em seus estudos até praticamente o final de seus dias), não fez dele, como de muitos, um “aplicador de fórmulas”. Mariátegui só concebia o marxismo como algo “vivo, ativo e atual”; sempre se negou a considerar as páginas de Marx “como se fossem [...] de uma pitonisa” ⁸. Recusando o marxismo como “um corpo de princípios de consequências rígidas” ⁹, Mariátegui, sem doutrinanismos e sem dogmatismos, compreendeu-o como um *método de interpretação da realidade* e um *método de ação política* (como bem observou um dos seus mais finos analistas ¹⁰) indissolivelmente conectados - e, pois, ao fim desse aprendizado, assumiu-se como marxista e comunista.

Anos depois, ele mesmo escreveu sobre sua estada na Itália: “Fiz na Europa meu melhor aprendizado. E creio que não há salvação para a Indo-América sem a ciência e sem

⁶ Sinalizei algo desse exame em meu artigo “O fenômeno Mariátegui: polêmicas e intérpretes”, in *Em pauta. Revista da Faculdade de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro* (Rio de Janeiro: UERJ, nº 22, dezembro de 2008).

⁷ Refiro-me aqui, especificamente, ao brilhante estudo de A. Quijano, *Introducción a Mariátegui* (México: Era, 1982).

⁸ José Carlos Mariátegui, *Defensa del marxismo* (Lima: Amauta, 1974: 23, 75).

⁹ *Idem, Ideología y política* (Lima: Amauta, 1975 :112).

¹⁰ Cf. Diego Meseguer Illán, *José Carlos Mariátegui y su pensamiento revolucionario* (Lima: Instituto de Estudios Peruanos, 1974).

o pensamento europeus ou ocidentais”¹¹. E, noutra passagem: “[...] Senti-me americano na Europa. Pelos caminhos da Europa, encontrei o país da América que eu deixara e no qual vivera quase como estranho e ausente. A Europa me revelou até que ponto eu pertencia a um mundo caótico e primitivo e, ao mesmo tempo, me impôs e me esclareceu o dever de uma tarefa americana”¹².

Eis a *tarefa americana*: contribuir para divulgar e estimular o conhecimento do marxismo, de modo a implementar a revolução socialista no que chamou de Indo-América. Na enérgica e difícil caminhada rumo a este objetivo – que constituirá a sua “idade da revolução” -, Mariátegui, em meio a enormes dificuldades¹³, haverá de construir o essencial de sua obra no breve espaço de sete anos.

Os anos de atividade revolucionária e os *Sete ensaios*...

É entre 1923 e 1930 que Mariátegui desenvolverá o seu projeto cultural e político – uma vez que, para ele, o processo da revolução socialista implicava a unidade do que hoje designamos como “mundo da cultura” e “mundo do trabalho”. À base da sua concepção do marxismo, Mariátegui tratará de estimular a organização da cultura e de fomentar a organização do nascente proletariado peruanos.

No primeiro plano, inclusive revolucionando a atividade editorial no país, ele se empenhará vitalmente na criação e na direção da revista *Amauta*, que circulará (com uma interrupção, de junho a dezembro de 1927, causada pela repressão desfechada por Leguía) entre setembro de 1926 e agosto-setembro de 1930. Os 32 números desta publicação, que

¹¹ Cf. *7 ensayos...*, ed. cit., p. 12.

¹² Cf. José Carlos Mariátegui, *El alma matinal y otras estaciones del hombre de hoy* (Lima: Amauta, 1972: 192).

¹³ Dificuldades que - ademais da repressão política promovida pela ditadura pró-ianque de Leguía, que inclusive levou-o à prisão em janeiro de 1924 e novamente em junho de 1927 - envolveram a sua sempre instável situação financeira e, especialmente, a sua saúde débil (recorde-se que, desde maio de 1924, teve amputada a sua perna, ficando para sempre imobilizado numa cadeira de rodas). Todas estas circunstâncias explicam a sua morte precoce (16 de abril de 1930), com 36 anos incompletos.

terá repercussão mundial, divulgam – numa perspectiva pluralista de cultura e de arte ¹⁴ – textos de autores peruanos e estrangeiros, configurando um painel diferenciado das tendências mais progressistas e avançadas na estética e no ensaísmo literário e político. A revista, grande sonho de Mariátegui, acabará mesmo por confundir-se com seu criador ¹⁵.

No que toca ao “mundo do trabalho”, também foram intensivos e exitosos os esforços de Mariátegui. Articulando-se com os vetores mais avançados do movimento operário e aproximando-se dos círculos que animavam o resgate da cultura incaica, ele promoveu encontros, reuniões e eventos, jogando todas as suas energias na unificação e na organização desses movimentos. Mariátegui nunca pôs em dúvida a condição de sujeito revolucionário do proletariado, mas sempre considerou que “um proletariado sem outro ideal que a redução das horas de trabalho e o aumento de centavos no salário nunca será capaz de um grande empreendimento histórico” ¹⁶ - daí a necessidade de “construir a consciência de classe” ¹⁷, articulando a *frente única proletária*. Num país, porém, em que quatro quintos da população total de 5 milhões era formada de indígenas e seus descendentes, quase todos vinculados à terra monopolizada pelos *gamonales* ¹⁸, o processo revolucionário só poderia avançar com a unidade operário-camponesa, travejada pela demanda universalizada de uma reforma agrária radical (cujos desdobramentos seriam facilitados pela tradição comunitária indígena). Resultados da sistemática atividade política e ideológica de Mariátegui foram a fundação, em setembro de 1928, do *Partido Socialista do Peru* (designação original do Partido Comunista Peruano/PCP) e a criação, em maio de 1929, da *Confederação Geral dos Trabalhadores do Peru* (CGTP).

¹⁴ Pluralismo antípoda a qualquer liberalismo. No primeiro editorial de *Amauta* (nº 1, setembro de 1926), Mariátegui escreveu: “É desnecessário declarar expressamente que *Amauta* não é uma tribuna livre, aberta a todos os ventos do espírito. Nós, os que fundamos esta revista, não concebemos uma cultura e uma arte agnósticas. Sentimo-nos uma força combativa, polêmica. Não fazemos nenhuma concessão ao critério, geralmente falacioso, da tolerância das idéias. Para nós, há idéias boas e idéias más. [...] Esta revista [...] rechaça tudo o que é contrário à sua ideologia, bem como tudo o que não traduz ideologia alguma” (cf. *Ideología y política*, ed. cit., p. 238).

¹⁵ A palavra *Amauta*, do léxico incaico, designa o homem sábio, consciente de si e do mundo; após sua morte, Mariátegui passou a ser identificado como o *Amauta*.

¹⁶ Cf. *Ideología y política*, ed. cit., p. 116.

¹⁷ *Idem*, p. 115.

¹⁸ *Gamonal*: típico representante da oligarquia rural, proprietário fundiário que exercia poder senhorial sobre os indígenas que habitavam as suas terras.

Toda a intervenção política de Mariátegui operou-se no sentido de promover a unidade das correntes democráticas e socialistas. Por isto, durante os primeiros quatro anos que decorreram desde o seu regresso, colaborou com Haya de la Torre, criador da *Aliança Popular Revolucionária Americana* (APRA), frente antiimperialista lançada em 1924. Quando, porém, em 1927, Haya de la Torre, que concebia o processo revolucionário sob o comando de setores pequeno-burgueses, transforma a APRA em partido político, Mariátegui vê-se obrigado ao rompimento e a precipitar a fundação de um partido especificamente proletário.

Estes anos de atividade revolucionária revelaram em Mariátegui uma singular capacidade de organização política e potenciaram os seus dotes de escritor e analista. Em meio a toda esta atividade febril, ele escreveu prolificamente para a imprensa peruana (afinal, continuava ganhando a vida como jornalista) e publicou, em 1928, a sua obra-prima: os *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana*¹⁹. Para o autor, tratava-se “apenas de uma contribuição à crítica socialista dos problemas e da história do Peru”²⁰ - mas a significação que o texto (cuja estrutura não pode sequer ser resumida aqui, bastando dizer que é uma análise totalizante da economia, da cultura e da sociedade peruanas, da colônia aos anos 1920) adquiriu é outra. De fato, os *Sete ensaios...* constituem, numa etapa em que a utilização do referencial marxista ainda era extremamente débil e frágil, a primeira expressão crítico-analítica sólida do marxismo na América Latina, isto é, a primeira análise histórico-concreta de uma formação econômico-social latino-americana processada criadoramente com os recursos heurísticos do marxismo.

A linha de força interpretativa dos *Sete ensaios...* apóia-se na seguinte tese: a revolução da Independência peruana, de que derivou a república, não realizou a sua tarefa elementar – a liquidação do feudalismo, herança da colônia. Não o fez pela debilidade da burguesia, não o fez pela capacidade transformista da oligarquia fundiária – ou pelas duas razões que se conjugaram nos primeiros quarenta anos do século XIX. A hipoteca de que a república – que, no Peru, deveria constituir o regime burguês por excelência – foi a portadora consistiu justamente na conservação do *gamonal*; a burguesia peruana fez a sua

¹⁹ Em vida, além deste livro, Mariátegui publicou apenas um outro, em 1925 – *La escena contemporánea*. Só postumamente começou a publicação do conjunto de sua obra.

²⁰ Cf. *7 ensayos...*, ed. cit., p. 12.

escolha, pelo *gamonal* e contra a massa da população, o índio. Mariátegui foi o primeiro a apontar a essencialidade dessa opção. A pesquisa da história, segundo Mariátegui a determinação das causas passadas, permite-lhe a interpretação do presente peruano: ele descobre a particularidade histórica da formação econômico-social peruana – a peculiar articulação do comunismo agrário herdado do Incário com o feudalismo da colônia, sobredeterminados pelo “capitalismo retardado”.

Esta interpretação do Peru por Mariátegui – um marxista que, ao longo dos *Sete ensaios...* não cita Marx ou Engels mais que meia dúzia de vezes – parte desta sua descoberta: são essas bases econômico-políticas, concreta e historicamente situadas, particulares, da formação econômico-social do seu país que propiciam a compreensão das expressões sócio-culturais, que permitem interpretar unitária e totalizadamente o que à análise superficial, ou metodologicamente mal direcionada, aparece como casual, folclórico ou episódico. Trata-se de análise própria de um pensador original – mas Mariátegui é mais que original: é um pensador contemporâneo.

Um pensador contemporâneo

É a sobre as bases da sua análise concreta da realidade peruana que Mariátegui pensa o processo revolucionário – e nunca sobre esquemas abstratos ou pré-estabelecidos. Por isto mesmo, quando menciona o projeto socialista como “missão digna de uma geração”, afirmando que “o problema da nossa época” é a alternativa entre “capitalismo ou socialismo”, ele anota: “Não queremos, certamente, que o socialismo seja, na América, cópia ou decalque. Deve ser criação heróica”²¹.

Entretanto, para Mariátegui, o processo da revolução no Peru, bem como o seu caráter, não se pensa senão em escala continental; e mais: “A revolução latino-americana será nada mais, nada menos, que uma etapa, uma fase da revolução mundial. Será, simples e puramente, a revolução socialista. A esta qualificação, acrescente-se, se se desejar,

²¹ Cf. *Ideología y política*, ed. cit., p. 249.

conforme os casos, todos os adjetivos que se quiser: ‘antiimperialista’, ‘agrarista’, ‘nacionalista-revolucionária’. O socialismo os supõe, os antecede, abarca-os a todos”²². E ele, que já adiantara, no nº 17 de *Amauta* (setembro de 1928), que “em nossa bandeira, inscrevemos somente, simples e grande, somente esta palavra: Socialismo”, acrescenta: “A própria palavra Revolução, nesta América das pequenas revoluções, presta-se bastante ao equívoco. Temos que reivindicá-la rigorosa e intransigentemente. Temos que lhe restituir seu sentido estrito e cabal”²³.

Estamos confrontados, como se vê, com um pensador radical, que não vacilou em escrever: “Sou revolucionário. [...] O setor político com o qual não me entenderei nunca é [...] o do reformismo medíocre, o do socialismo domesticado, o da democracia farisaica. Ademais, se a revolução exige violência, autoridade, disciplina, estou com a violência, com a autoridade e a disciplina. Aceito-as em bloco, com todos os seus horrores, sem reservas covardes” (carta de 30 de abril de 1927, a S. Glusberg).

Mariátegui, porém, é mais que um pensador original e radical. Há, na sua obra, algo que lhe confere, em meu entendimento, uma substancial *contemporaneidade* (que está longe da simples reposição, na realidade latino-americana de hoje, de questões e problemas de que ele tratou com competência – por exemplo, o protagonismo das populações e nações indígenas). Esta contemporaneidade, que tematizei em outra oportunidade²⁴, é verificável em três níveis.

O primeiro é a sua atitude em face da teoria. Ele assume o marxismo para compreender a realidade com vistas à sua transformação revolucionária. Mariátegui não fetichiza a teoria marxista: ela não é um conjunto de princípios a defender e preservar zelosamente, mas um meio, instrumento de um conhecimento à partida comprometido com a transformação social revolucionária.

O segundo é a sua atitude em face da realidade: atitude de investigação, de pesquisa, de indagação. Para Mariátegui, a realidade é interpelação, desafio à razão, enigma a ser

²² *Idem*, p. 247-248.

²³ *Idem*, p. 247.

²⁴ Refiro-me ao epílogo de meu livro, citado na nota 2, e que retomo aqui.

decifrado. E não uma realidade qualquer: a realidade em que se insere o pensador, a realidade de seu povo e sua gente.

O terceiro é a sua atitude diante da natureza da ação política. Mariátegui, antiutópico, adepto da *realpolitik* que considerava própria do marxismo, não pensava - nem praticava - a intervenção política com vieses principistas e eticistas: pensava e praticava a intervenção política a partir da exigência da recusa da mentira, da demagogia e do blefe. A insinceridade política sempre lhe pareceu, como em arte, algo indigno.

Eis aí uma contemporaneidade que entendo ser paradigmática.

Leila Escorsim Netto é professora adjunta da Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro